

Maraschin - Teólogo poeta

Antonio G. Mendonça*

Pedi-me o editor desta revista que escrevesse um texto para colaborar na homenagem que a Jaci Maraschin em razão da passagem de meio século de sua ordenação ao ministério da Igreja Anglicana. Diríamos desde logo: nada mais justo. Justo é, e mais que isso. O conceito de justo, tantas vezes usado em circunstâncias como esta, fica devendo ao que se quer homenagear porque, de fato, justo significa ao mesmo tempo não dever nada e nada ter a receber. Um homem justo é aquele que, ao final das contas, fez o que devia fazer e recebeu em troca o que lhe era devido. É que lemos em Platão na sua *República* e em Aristóteles no livro V de sua *Ética a Nicômaco*. Um homem justo é justo na proporção em que contribui, no equilíbrio do seu dar e receber, para a igualdade e a beleza da república. Um homem que, feitas as contas de sua vida, nada deve e nada tem a haver, é um justo.

Deve-se assim, homenagear um justo? No rigor do conceito, não. Mas, as sociedades, sempre desequilibradas e injustas na sua totalidade, homenageiam aqueles que conseguem equiparar seus atos de dar e receber. O justo é tão raro que o sábio de *Eclesiastes* generaliza afirmando que *não há homem justo sobre a terra* (7,20). Daí ser justo homenagear o justo. Mas, quando dizemos *é mais que justo* queremos avançar além do justo e reconhecer que o homenageado, na contabilidade da vida, tem um superávit de méritos que deve ser reconhecido. Sua *república* lhe deve alguma coisa, e respeitando o *devo que pagarei* mas não tendo com que pagar, presta uma homenagem. Neste ponto é que surge o recurso e o dever da homenagem, porque homenageando confessamos nossa dívida ao mesmo tempo em que continuamos insolventes. Assim, nesta pequena *república* de poetas, músicos e teólogos, todos, perante Maraschin, somos insolventes. Logo, imagino ter justificado o *mais que justo*.

Conheço pessoalmente Maraschin há mais de trinta anos e tenho convivido com ele durante esse tempo todo, convivência essa que se manifesta em três níveis diferentes mas que se entrecruzam, se alternam e, na soma, se confundem. Eu tentaria resumir essa convivência assim: companheirismo de trabalho temperado com muitas doses de idealismo e de amizade. Amizade serena, jamais tumultuada por rugas tão comuns entre amigos, apesar das lutas e crises que enfrentamos juntos *in illo tempore* da implantação e consolidação do Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião no então Instituto Metodista de Ensino Superior. Sempre juntos, Maraschin, o saudoso Prócoro Velasques Filho e eu, em nossas salas ou andando pelo *campus*, íamos conversando sobre projetos e dificuldades de maneira que nas horas de decisão podíamos trazer aos colegas propostas consolidadas mais fáceis de serem discutidas e aceitas. Tínhamos mais tempo do que os outros professores do Programa que atuavam em tempo parcial.

* Teólogo e sociólogo, coordena atualmente o mestrado em Ciências da Religião na Universidade Mackenzie..

Se não me engano, a primeira vez que encontrei Maraschin foi num simpósio da ASTE que se realizava nas dependências da Faculdade Presbiteriana Independente de Teologia, então sediada no bairro do Paraíso, em São Paulo. Corria o ano de 1970 e eu acabara de ingressar no ensino teológico como professor de sociologia. Não sei bem porque, mas fui designado representante da Faculdade naquele simpósio, sendo reservada ao Prof. Paulo Cintra Damiano a delegação à Assembléia. Foi ali que, além de conhecer Maraschin, que assumira a Secretaria Geral da ASTE em substituição a Aharon Sapsezian, iniciei minha, até certo ponto, longa carreira na Instituição. Meu rito de iniciação foi ter de redigir, juntamente com um colega, o anglicano Rev. Glênio Vergara, um documento representativo do Simpósio. Foi a minha primeira contribuição para a ASTE, das poucas que ofereci.

Não me lembro absolutamente nada do que escrevemos naquele documento. Recordo-me sim da liderança serena de Maraschin, que devia andar ali pelos seus quarenta anos de idade. Falava só o necessário e em tom normal de voz. Era, entretanto, procurado para tudo e tudo girava em torno dele sem que ele aparecesse, se distinguisse. É isso que estou chamando de liderança serena. Serena, mas efetiva.

Conhecer Maraschin foi também para mim uma experiência ecumênica, pois que passei a conviver com alguém que não sendo católico romano também não era protestante. Os anglicanos eram conhecidos simplesmente por episcopais e nos círculos presbiterianos eram chamados, com um misto de ironia e carinho, de “católicos mansos”. Havia, assim, uma certa complacência, como complacentes éramos com alguns ministros presbiterianos que haviam se passado para a Igreja Episcopal. Essa passagem era vista como o primeiro passo de uma marcha à ré em direção oposta à Reforma. Foi, de fato, o primeiro passo do presbiteriano e depois bispo Dom Salomão Ferraz rumo à Igreja Católica Romana, onde de fato chegou. Creio, contudo, que no Brasil foi o único caso extremo. Tem havido mais exemplos de passagem do presbiterianismo para o anglicanismo, mas registro só mais um, o do falecido Rev. Rodolfo Nogueira. Para muitos era difícil entender esse ato visto muitas vezes como “retrocesso”. Seria uma atração simbólica mais forte, o fascínio de um culto mais rico, ou uma via apropriada para retomar uma tradição real sem, ao mesmo tempo, perder as motivações da Reforma?

Eu já tinha tido rápida convivência com episcopais em Santo André onde conheci, por intermédio de um colega de magistério, o Prof. Acylino Belisomi, o pároco local Rev. Alfredo Fonseca. Acylino nada tinha a ver com protestantes e muito menos com episcopais. O caso foi que ele, Acylino, fazia parte, como eu, de um grupo de pretensos intelectuais revolucionários que “lutava” pelas Reformas de Base e publicava um pasquim chamado *O Titular* e que era impresso nas decadentes oficinas do *Correio Paulistano*, em São Paulo. Estávamos muito próximos, no tempo, do Golpe de 64. Acylino, por sinal, recém-eleito pelo PTB à Câmara Municipal de Santo André, já no regime militar, diante da cassação iminente, renunciou ao seu cargo. O Rev. Alfredo Fonseca, entusiasta das reformas estruturais de base, como se dizia na época, atraiu a atenção de Acylino que acabou levando-o à minha casa. Fizemos boa amizade.

Se não me engano em 1962, mas de qualquer maneira no período revolucionário, ou pré-revolucionário que antecedeu o Golpe de 64, houve um concílio diocesano da

Igreja Episcopal em Araçatuba-SP presidido pelo bispo Dom Edmundo Sherril. Dom Sherril era bem conhecido fora do espaço exclusivo da Igreja Episcopal como um bispo acessível e aberto. Fui convidado pelo Rev. Alfredo para falar à juventude da Igreja reunida naquela ocasião e lugar sobre a situação das igrejas face ao momento político que o país vivia. Encontrei lá o meu colega, talvez ainda seminarista e aluno de Richard Shaull no Seminário Presbiteriano de Campinas, Eduardo Galasso Faria. Foi com o mesmo objetivo que o meu. As reuniões do grupo de juventude foram “revolucionárias”, mais pelo entusiasmo de Alfredo Fonseca do que de qualquer outra coisa. Tive a impressão de que sairíamos dali para a revolução, isto é, saindo do campo do discurso inflamado para o da luta real.

Data daquele encontro a minha aproximação dos irmãos episcopais, aproximação quer seria mais sensível a partir do início do meu relacionamento de amizade e trabalho com Maraschin. Nos tempos de faculdade, na Rua Maria Antonia, em São Paulo, fora colega de Takashi Shimizu, mas agora entrava em contato com muitos episcopais, entre eles os bispos Sumio Takatsu e Glauco Soares de Lima. Minhas relações com os episcopais aumentaram quando, a convite de Maraschin, passei a dar aulas no IAET-Instituto Anglicano de Estudos Teológicos, em Santo Amaro, São Paulo. Deram aulas ali muitos professores que não eram episcopais, constituindo o IAET um verdadeiro centro ecumênico, bem ao estilo de Maraschin, seu idealizador.

Pena que o IAET não tenha prosseguido no mesmo ritmo de seu início. Ao menos para mim, constituiu experiência enriquecedora naquele período de formação da minha fase ecumênica, pois que reforçou em mim a convicção de que os protestantes brasileiros poderiam ter uma grande, ou talvez mais de uma, instituição de ensino teológico se aliassem seus esforços materiais e humanos. Temos hoje no Brasil quatro universidades protestantes e, por conseguinte, grande oportunidade de ter nelas faculdades de teologia de boa qualificação se puderem contar com os melhores nomes do protestantismo, independentemente das respectivas confessionalidades.

O ideal de Maraschin, ensaiado no IAET, teve como antecessor o Seminário Unido, no Rio de Janeiro, de 1918 a 1932. Ambos foram limitados pelo nosso denominacionalismo que, ao longo do tempo, vem dificultando a junção de nossas forças no sentido de criar uma atmosfera que promova o cultivo das mentes teológicas e daí, a produção de uma reflexão teológica autóctone. É oportuno registrar aqui, neste canto deste *festschrift*, o quanto Maraschin acalentou a idéia, nos seus últimos tempos na ASTE, da criação de um curso ecumênico de mestrado em teologia. A idéia, sempre que levantada nas reuniões, não avançava nem um passo, parecendo que andava em terreno escorregadio. Não avançou e não se realizou.

A ASTE foi o campo de atuação de Maraschin durante mais de vinte anos. A ASTE é uma associação de seminários como todos sabemos, mas sempre carregou consigo, equivocadamente, a adjetivação de liberal e ecumênica. Creio que isso tem sido uma das maiores dificuldades que a instituição enfrentou, e talvez ainda enfrente, no campo do relacionamento entre as instituições de ensino teológico e suas respectivas igrejas. Algumas importantes escolas de teologia abandonaram a ASTE por causa do seu alegado “ecumenismo e liberalismo”. Algumas, revendo a questão voltaram, outras não. Além disso, instituições paralelas surgiram exibindo face conservadora e atrativa para as

instituições preocupadas com a preservação de suas tradições. Suspeito, contudo, que há no protestantismo brasileiro de origem norte-americana uma como que fobia, ou medo, de pensar a teologia de maneira independente. Entretanto, é possível que se trate, sim, de uma dependência descabida.

Maraschin, porém, sempre se esforçou e conseguiu até onde foi possível manter o princípio de que a ASTE não é uma entidade ecumênica, ao menos no sentido próprio deste conceito, mas uma associação de seminários destinada a trocar experiências e a ajudar umas às outras na consecução de objetivos comuns. Se houve, e ainda há, na ASTE, alguma vivência ecumênica, foi e é a melhor possível: uma intensa convivência de instituições e pessoas de tradições cristãs diferentes com o máximo de tolerância e respeito. Nesse sentido, entendo que Maraschin sempre soube pensar e viver uma teologia do ecumenismo das mais sadias, mesmo naqueles momentos em que os conflitos entre conservadorismo e ecumenismo assolavam as igrejas brasileiras. Eu diria, neste ponto, que Maraschin, acima de qualquer corrente teológica, tem sido um teólogo do ecumenismo.

Fiz, atrás, rápida menção à nossa convivência no Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião. O IEPG, como sempre o chamamos, tem uma história que necessita ser contada porque tem muito a ver com Maraschin, precisamente por seu caráter ecumênico. Maraschin trouxe para o IEPG sua grande experiência ecumênica oriunda do seu trânsito nesse universo, tanto por mandato de sua própria Igreja como de sua vivência na ASTE. Desde meu começo no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, do IMS – Instituto Metodista de Ensino Superior, em 1982, fui aprendiz de ecumenismo com Maraschin e Prócoro Velasques Filho, de quem nos lembramos constantemente. O nome de Prócoro está indelevelmente ligado ao IEPG porque foi seu principal idealizador e coordenador por oito anos. Teólogo metodista formou, com Maraschin, a linha de frente de um curso que mantém até hoje sua marca ecumênica. Tive a honra de ser membro daquela trindade ecumênica composta por um metodista, um episcopal anglicano e um presbiteriano.

O Curso de Pós-Graduação teve início na Faculdade de Teologia da Igreja Metodista, em São Bernardo do Campo, passando logo a fazer parte do Centro de Pós-Graduação do IMS – Instituto Metodista de Ensino Superior, agora com o nome de Ciências da Religião em lugar de Teologia. O então Diretor Geral do IMS, Dr. Benedito de Paula Bittencourt, outra mente ecumênica, entendendo que o Curso não só interessava aos metodistas mas também às demais igrejas cristãs preocupadas em melhorar o nível de seus ministérios, decidiu convidar representantes delas a fim de formar um corpo voltado para interesses comuns no sentido de cooperação. Formou-se, com esses representantes, inicialmente cerca de sete ou oito, o Conselho Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Embora o Conselho fosse composto só por protestantes, os corpos docente e discente logo passaram a ter representantes católicos.

O Conselho Ecumênico desde cedo se mostrou de grande valia para o progresso do Curso. A demanda foi crescendo com certa rapidez e o número de alunos cada vez maior exigia mais professores com maior disponibilidade de dedicação. Todavia, o orçamento do IMS atribuído ao Centro de Pós-Graduação, então composto por cinco cursos, não permitia a contratação de professores, assim como o aumento da

disponibilidade de tempo dos demais. Foi quando decidimos buscar recursos próprios apelando para o mundo ecumênico. Maraschin idealizou o que chamamos “sistema de cátedras”, produzindo projetos de manutenção de professores com tempo integral, assim como de complementação salarial para aqueles já pertencentes ao IMS. Esses projetos foram aceitos por agências ecumênicas da Europa, sempre com o apoio do CMI. Ao longo do tempo foram chegando professores como Júlio de Santa Ana, Paulo Augusto de Souza Nogueira e Lauri E. Wirth, bem como aqueles ligados a projetos, isto é, à Bibliografia Bíblica Latino-Americana, caso de Milton Schwantes, e NETMAL – Núcleo de Estudos Teológicos da Mulher na América Latina, caso de Maria José Fontelas Rosado Nunes (Zéca). Alguns professores já integrantes do Curso, como o autor destas linhas e o próprio Maraschin, tiveram “cátedras” de complementação. Com o tempo e, particularmente com a criação da Universidade Metodista de São Paulo, todas as responsabilidades com pessoal foram sendo assumidas pela Instituição.

Todos os projetos, exceto o da Bibliografia Bíblica Latino-Americana, foram preparados por Maraschin, assim como a maioria dos relatórios anuais a eles referentes. Trabalho material e ao mesmo tempo intelectual valioso que pouca gente sabe fazer com competência. Trabalho feito ao lado de aulas e orientação de alunos, assim como viagens para congressos em várias partes do mundo. Cabe lembrar também que Maraschin sempre pertenceu a comissões ecumênicas permanentes, como *Fé e Ordem*, além daquelas decorrentes do ministério em sua própria Igreja. Atividade incansável e produtiva, não só para o movimento ecumênico, mas também para o Curso que se beneficiava dele como referência constante.

O Conselho Ecumênico foi estruturado, em 1990, como pessoa jurídica com o nome de IEPG - Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, continuando com o mesmo objetivo do Conselho. Foi nesse período que surgiu a possibilidade de uma parceria com a Escola Superior de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil, situada em São Leopoldo-RS. Todo o projeto foi preparado por Maraschin, após preciosa participação sua nas reuniões bilaterais em Florianópolis-SC. O acordo firmado previa um período de experiência de três anos. Findo esse período o convênio se extinguiu por decisão dos interessados com a divisão do IEPG em duas partes independentes, ficando uma em São Leopoldo, na EST, e outra em São Bernardo-SP, cada uma em suas respectivas instituições. Em tudo, portanto, permaneceu o espírito e o empenho ecumênicos iniciais calcados no projeto inicial.

Aproveito, portanto, para registrar aqui o quanto valeu o trabalho, quase sempre silencioso de Maraschin, para a consolidação da pós-graduação em Ciências da Religião e Teologia em duas instituições protestantes. Ambas ostentam hoje grau de excelência no cenário da pós-graduação brasileira. O que não pôde levar a cabo na ASTE, Maraschin contribuiu em muito para realizar em outros espaços.

Mas, não posso me esquecer que o editor da revista me convidou para escrever sobre o Maraschin teólogo. Divaguei um pouco sobre as experiências que me proporcionaram o convívio com Maraschin em vários períodos de minha vida profissional. Mas, acredito que essa divagação me ajude a perceber os traços do pensamento teológico do nosso homenageado. Contudo, alguém poderia perguntar agora: onde está mesmo a obra teológica de Maraschin? Qual o seu grande livro de teologia? Eu

responderia: traços diretos do seu pensamento teológico estão nos livros que escreveu e que não trazem na capa nem na lombada a palavra teologia, assim como nos seus trabalhos sobre liturgia, na sua poesia e na sua música. O pensamento de Maraschin está nessas múltiplas páginas, pois que quando selecionamos e comentamos o que outros pensadores dizem, assumimos suas idéias como se fossem nossas no interior mesmo de nossas vidas e de nossa maneira de agir. Assim acontece quando comenta com tanto brilho e atualidade o Credo Niceno (*O Espelho e a Transparência*, 1989), como ao expor o pensamento do teólogo anglicano Frederick D. Maurice (*Igreja a Gente Vive*, 1991).

Algumas palavras sobre o primeiro livro citado. Sobre ele poderíamos apressadamente indagar: qual a pertinência desse documento tão antigo da Igreja Cristã para os dias de hoje, para os desafios atuais da Igreja? Em primeiro lugar, temos de pôr em destaque o respeito aos fundamentos teológicos sobre os quais devem firmar-se toda reflexão teológica contemporânea. Sem isso a teologia se perde. É isso o que Maraschin faz ao expor e comentar o Credo Niceno (381) tendo como referência a teologia latino-americana. Neste ponto, basta citar o que dizem os editores do livro:

O teólogo decidiu, num esforço corajoso: aceitar os desafios de retomar criticamente as origens; respeitar a dimensão ecumênica sem perda da identidade confessional; falar a partir do seu lugar histórico terceiro-mundista e latino-americano; atender às exigências do rigor acadêmico, e, assim, fornecer pistas metodológicas; e ainda, oferecer um produto de alta qualidade literária, ao modo narrativo da teologia de nossos quadrantes. (p. 10)

Ao lado dessa preocupação de trazer, com rigor, os fundamentos da teologia cristã ao campo da análise contemporânea do pensamento teológico que mais de perto nos fala, quer dizer, da reflexão feita em nosso Terceiro Mundo, Maraschin enfrenta, no segundo livro citado, a tarefa de fazer o mesmo com o pensamento de um teólogo do século XIX, F. D. Maurice (1805-1872). Maurice é um dos teólogos importantes que, com certeza, não chegou aos vestibulos de nossos seminários teológicos. Maurice é reconhecido como um dos mais influentes teólogos do século XIX como atesta James C. Livingston em seu *Modern Christian Thought – From the Enlightenment to Vatican II* (1971, p. 87).

O que teria levado Maraschin a eleger a teologia de Maurice como tema de sua tese doutoral? É fato reconhecido que só estudamos um assunto e escrevemos sobre ele quando há paixão. Sem paixão não há arte, ciência, filosofia e, muito menos teologia. Que fascínio teria exercido sobre Maraschin o pensamento de um teólogo que só veio a descobrir já no curso de mestrado em Nova York? Sem dúvida deve ter havido entre o teólogo e o estudante um elo desde logo muito forte, alguma afinidade clara. Assim, embora com o temor de ir muito longe em minha especulação, arrisco-me a levantar uma hipótese a respeito do agir mais do que do pensar teológico de Maraschin partindo do princípio, em geral aceito, de que tanto o que escrevemos como o que somos passa por concepções diferentes em diferentes pessoas. Eis a razão pela qual, partindo do que Maraschin escreve e faz, retrocedo às possíveis influências que fazem dele o que ele é.

Maurice foi contemporâneo do chamado Movimento de Oxford que surgiu no *Oriel College* da Universidade de Oxford, nos anos trinta do século XIX. O Movimento chegou

ao fim por volta de 1845, embora seus reflexos tenham sido mais ou menos duradouros, sendo ainda sentido nas primeiras décadas do século XX. No Brasil parece ter chegado bem atrasado, pois que pelos anos trinta e quarenta ainda se falava em “puseysmo” com referência a um dos principais mentores do Movimento, Edward Bouverie Pusey (1800-1882). Aqui, “puseysmo” soava como perfeita apostasia porque vinha com o significado exclusivo de retorno ao catolicismo romano. É fato que o Movimento continha elementos muito fortes de reforma da Igreja Anglicana no sentido de uma volta à apostolicidade, unicidade e pureza da Igreja Cristã, o que não deixava de supor o retorno como aconteceu com alguns membros da Igreja. Contudo, o Movimento defendia e punha em prática traços de renovação tanto no sentido de “ser igreja” como na prática litúrgica e devocional. À prática propriamente anglicana, o Movimento introduziu no culto elementos das Igrejas Reformadas e das Igrejas Livres como a música litúrgica e traços do cerimonial.

O Movimento de Oxford, também conhecido por Tratarianismo, nome originado dos tratados que propagavam o Movimento (“Tratados para os Tempos”), enfrentou dificuldades e se enfraqueceu por causa da força das teorias darwinistas e da Crítica Bíblica que surgiu na Alemanha. Maurice, segundo Livingston, a princípio atraído pelo Movimento mas depois dele se afastando, afirmou que a fraqueza dos Tratarianos consistia em “opor ao espírito do tempo presente o espírito de uma época em lugar de um sempre presente, vivo e ativo Espírito de Deus”. O que está claro em Maurice é a idéia de que a história é irreversível e que, por mais forte que seja a tradição, ela não retorna em sua inteireza.

Então, qual seria mesmo a posição de Maurice diante do Movimento de Oxford e do seu oponente, o Movimento Evangélico? Duncan A. Reily (*História Documental do Protestantismo no Brasil*, 1993, p. 27) explica que entre esses partidos, também conhecidos respectivamente por Igreja Alta e Igreja Baixa, havia um grupo designado como Igreja Liberal (*Broad Church*). Esse grupo questionava a afirmativa corrente de que as leis comerciais eram leis naturais de Deus e que, portanto, eram irreversíveis. Preconizava um “Socialismo Cristão” e, entre outras coisas, como afirma Reily, protestava contra o *laissez faire*, incentivava a formação de cooperativas e ensinava o “princípio positivo da cooperação contra a rivalidade”. Maurice, afastando-se dos Tratarianos, passou a fazer parte do grupo do Socialismo Cristão. Fato curioso é que o cooperativismo cristão foi ensaiado em São Paulo-SP pelo pastor presbiteriano e professor da Universidade de São Paulo Theodoro Henrique Maurer. Teria sido reflexo desse movimento?

Neste esforço que faço para situar o Maraschin teólogo num campo teológico determinado, isto é, no cenário multifacetado do anglicanismo do século XIX que se prolonga pelo século seguinte e que ainda o alcança no início de seus estudos nos Estados Unidos nos anos 50, aparentemente fiz uma digressão desnecessária e ainda com o risco de ser por demais ousada. Contudo, volto a afirmar que nenhum de nós, seja em que nível for, surge do nada, do vazio. Todos trazemos nas costas o peso de nossa formação e da seleção que fizemos daquelas coisas que para nós, em cada momento da vida, pareciam importantes e válidas. Por isso, parece-me que em Maraschin, de um modo ou de outro, estão presentes aqueles sinais da mentalidade teológica presentes na Igreja Anglicana do século XIX que se projetam ainda no período de sua formação: a unicidade da Igreja de Cristo, sua apostolicidade, a beleza da arte sendo reconduzida à liturgia, a

devoção situada na ambivalência da imanência e da ascese, o viver a igreja em pertença total e simples e, por fim, o indefectível compromisso da Igreja nas coisas deste mundo expresso no grupo de socialistas cristãos.

Dei a este *festschrift* o título de ‘Maraschin teólogo poeta’, e acredito que com razão porque nele é impossível separar uma coisa de outra. Onde está a melhor teologia senão na arte? Creio que em Maraschin está na música e na poesia. Acredito que o resumo de tudo isso está no título do seu livro *A Beleza da Santidade* (1996). A beleza é um atributo da Santidade e ela surge na contemplação do místico assim como no culto, a exemplo de Isaías 6, 1-8. Nesta coleção de ensaios, Maraschin traz à tona a tradição e a importância do espaço, do corpo e dos sons na liturgia tendo a beleza como centro. Pois que humanamente não é a beleza do sagrado que, antes de tudo, em sua imanência nos atrai? Este desejo de imanência aparece também nas composições de Maraschin. Transcrevo algumas, todas da coletânea *O Novo Canto da Terra* (1987) por ele mesmo editada:

*Senhor, as mãos estendo e te procuro
no mundo ao meu redor e em cada olhar,
e vejo que o caminho é longo e escuro,
neste desejo imenso de te achar. (Caminho, 35)*

*Na poeira das estradas desta vida,
Vem nossos pés lavar, tão doloridos;
Vem dar-nos mãos que acalmem a ferida
Dos que ainda longe estão de ti, perdidos. (Lavapés, 3ª. estrofe, 60)*

*E debaixo dessa graça
Descida
Cantaremos sem mordação
A vida.
E debaixo dessa graça
Descida
Cantaremos sem mordação
A vida. (Sambinha do Deserto, 4ª. estrofe, 43)*

O que aspiro mostrar nessas estrofes de Maraschin é aquele desejo de imanência, da presença de Deus nos atos da vida. Imagino que a figura imanente-histórica de Jesus de Nazaré também o inspirou para escrever os poemas que chamou *Rastros de São Mateus*. Nestes poemas, o Jesus em carne e osso e a pregação do Reino de Justiça – que lembra Maurice – faz Maraschin, tomando como motes os versos 22 e 23 de Mateus 19, escrever estas quadras;

*as muitas propriedades
e a tristeza do teu sorriso
fazem da pobreza
o juízo (LXIII)*

*a dificuldade do teu ouro
está no peso da bolsa
e na fingida elegância
do teu aperto de mão (LXIV)*

Noto que a maior parte dos trabalhos de Maraschin foram produzidos e publicados no fim dos anos 80 e princípios dos 90. Parece que os de cunho mais teológico acompanham de perto suas contribuições para a música e a liturgia. É certo que Maraschin envolve-se e lidera com Simeí Monteiro e outros compositores um movimento que eu chamaria de “renovação litúrgica”, cujo exemplo mais objetivo foi o grupo que conseguiu reunir, por algum tempo, num salão da Vila Mariana, se bem me lembro na rua Borges Lagoa. Ali, de cujas reuniões participei algumas vezes, Maraschin realizava ensaios litúrgicos em que culto e arte se mesclavam.

O grupo não durou muito, mas marcou uma tentativa de fazer o culto alegre quando mente, corpo e som, misturados, irmanavam tradição e imanência. Tenho a intuição que esse movimento tem a ver com o chamado “movimento de renovação litúrgica” ocorrido nos últimos anos do século XIX e primeiras décadas do seguinte. O grande nome desse movimento foi Rudolf Otto (1869-1937), cuja obra marcante para a liturgia foi *O Sagrado* (1917). Sabemos que Maurice esteve muito próximo desse movimento e, por outro lado, que Paul Tillich sofreu forte influência de Otto. Seria demasiada ousadia colocar Maraschin no prolongamento desse movimento em que estiveram presentes Maurice e Tillich, teólogos dos quais sempre esteve muito próximo? E, como consequência, fazer o mesmo com o movimento que liderou mais tarde? Acredito que não.

Gostaria de concluir este pequeno, mas muito sincero depoimento sobre o Maraschin teólogo, chamando a atenção, agora com mais insistência, para aquilo que me parece mais recorrente no seu labor de teólogo e liturgista: a igreja como vida, como maneira de viver. A igreja não é um objeto abstrato, distante, metafísico, da qual falamos na terceira pessoa. A Igreja somos nós, e ela está onde estamos. Quando falamos da igreja, falamos de nós mesmos, de algo concreto, fenomênico. Aonde formos, ela vai conosco. Entendo assim o que Maraschin diz em seu trabalho sobre Maurice, cuja idéia se estende de modo natural para suas outras áreas de atuação.

Na Introdução de *Igreja a Gente Vive* Maraschin chama-nos a atenção para a importância da contribuição de Maurice à vida da Igreja, especificamente para a relação entre a Igreja e mundo. Sintomaticamente, note-se, Maraschin grafou Igreja com maiúscula com a precedência do artigo, acredito que para acentuar sua concretude. Entendo ser significativo para a teologia contemporânea a retomada da idéia de imanência e concretude da Igreja nestes tempos de inspiração docética e pré-milenista.

Parece ser por isso tudo que Maraschin resolve escrever o livro sobre Maurice, para o que ele enumera quatro razões. A primeira foi essa: a relação entre a Igreja e o mundo. A segunda, “a compreensão mais ampla e mais profunda de sua – de Maurice – doutrina da Criação e da presença eterna de Deus no mundo criado”. A terceira razão está na “proclamação de que o Evangelho de Jesus Cristo é o dom de Deus e que religião, pelo contrário, é a tentativa humana de se buscar Deus”. A quarta e última razão trata do lugar

que ele – Maurice – dá à disciplina ou ascese pelas quais “os cristãos são chamados a viver no mundo”.

É de particular beleza o capítulo sobre amnésia-*anamnesis*. Ao relacionar esquecimento e lembrança, esta no sentido de relembração-atualização dos eventos salvíficos de Jesus Cristo na Eucaristia, fica patente este fato muitas vezes olvidado da axial tensão entre o passado e o presente, entre o “homem decaído” e o homem real expresso em Jesus Cristo. Daí, a ambigüidade da vida cristã no mundo. Estaria aqui a essência mesma da vida cristã? Assim, “a pregação da Igreja e a administração dos sacramentos são esforços de lembrança”. Na liturgia, quando essa *anamnesis* se dá, mentes, corpos e sons explodem em alegria incontida. Imanência do homem genuíno. Ao viver a Igreja, o cristão está consciente dessa tensão e nela vive e age no mundo.

Acredito que, embora de modo talvez fragmentário, entendi Maraschin não só em seus escritos, mas também no seu modo de ser. Espero ter sido ao menos justo, já que não pude ser mais que justo.

Rua Domingos Dalasta, 200
17380-000 Brotas-SP
e-mail agmendonca@netsite.com.br